



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Maria Eliza dos Santos Melo

**Empreendedorismo gastronômico em territórios populares: o caso do Parque União
na Favela da Maré-RJ**

Rio de Janeiro

2022

Maria Eliza dos Santos Melo

**Empreendedorismo gastronômico em territórios populares: o caso do Parque União
na Favela da Maré-RJ**

**Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial
para aprovação no Curso Técnico em Gerência
em Saúde.**

Orientador: Marcello de Moura Coutinho.

Coorientador: Pedro de Araújo Quental.

Rio de Janeiro

2022

Dedico este estudo a todo empreendedor do Conjunto de Favelas da Maré, diminuído pelo Estado, pelos olhares com rejeição daqueles que não residem em uma comunidade e a classificam apenas como violência e inferioridade. O Conjunto de Favelas da Maré é uma fábrica de potências, e o maior polo gastronômico dentro de uma comunidade já visto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aquele que se fez presente em tudo e mostrou o tema que seria ideal para mim e, que eu teria propriedade para concluí-lo.

Agradeço aos meus pais, Luiz Carlos e Maria José, a base de tudo, por sempre me apoiarem e facilitarem em tudo para que eu pudesse concluir o ensino médio na Escola Politécnica.

Ao meu namorado, e companheiro de vida, Jean Araújo que sempre me apoiou, trouxe calma na qualificação do meu Projeto, me ajudou na pesquisa e ouviu quando eu precisava de uma opinião de alguém que não estivesse inserido na Escola.

Agradeço ao meu atual orientador, Marcello Coutinho que acreditou em mim e deixou o desenvolvimento desse processo mais leve com suas palavras de apoio, não esquecendo do meu co-orientador Pedro Qental, o mesmo que iniciou comigo e abriu minha mente, tendo indicado diversas referências bibliográficas, de forma clara e muito paciente.

E, para concluir, agradeço a mim, que me fiz forte, conciliando estudo e trabalho e, principalmente a monografia nesse período, tendo a certeza que fiz um ótimo levantamento, conseguindo concluir de forma objetiva e clara.

*“Mas é preciso ter manha, é preciso ter
graça / É preciso ter sonho sempre/
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida (...)”*
*(Trecho canção de Milton Nascimento –
“Maria, Maria”).*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o empreendedorismo gastronômico em territórios populares, especificamente na comunidade do Parque União, no Conjunto de Favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. Foi caracterizado pelo conceito de empreendedorismo, podendo ser definido pelo desejo motivado pelas vantagens do autoemprego e o desejo de empreender, o qual surge pela ideia de liberdade. Correlacionou-se com a vivência da autora em seu território de moradia e pesquisa, tendo sido possível chegar à compreensão do que é de fato empreender em uma comunidade. Além do conceito de empreendedorismo foi realizada uma análise do perfil do empreendedor, de suas principais características e motivações para atuar nesse ramo. Buscou-se expor de forma clara e objetiva, a forma como se deu o desenvolvimento da atividade empreendedora em territórios populares e, especificamente, como foi difundido no século XXI, suscitando aspectos importantes do pensamento empreendedor e sua relação com a evolução econômica no Conjunto de Favelas da Maré.

Palavras-chave: Empreendedorismo Gastronômico. Neoliberalismo. Favela da Maré.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	18
CAPÍTULO 1 – AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO.....	19
CAPÍTULO 2 – EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS POPULARES.....	21
2.1 O que é o empreendedorismo?.....	21
2.2 Empreendedorismo em dois estereótipos: necessidade e oportunidade.....	22
2.3 Empreendedorismo em territórios populares.....	23
2.4 Como este empreendedorismo ganha expressão na Maré.....	25
CAPÍTULO 3 – DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o empreendedorismo gastronômico feminino em territórios populares, especificamente na comunidade do Parque União, localizada no Conjunto de Favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro.

Sabe-se que a Maré é um dos maiores conjuntos de favelas da cidade do Rio de Janeiro, chegando a ser designado como “bairro Maré”. A sua localização privilegiada à margem da Avenida Brasil, contribuiu para sua ocupação e consolidação, pois foi justamente com a criação dessa via expressa que as primeiras famílias construíram suas moradias.

O Conjunto de Favelas da Maré é formado por dezesseis comunidades, sendo que a sua consolidação foi acompanhada de investimentos familiares para além da habitação. A Maré em si é um núcleo urbano que se tornou um lugar de consumo, o qual deixou de ser designado apenas como “favela”, passando a ser conhecido um local onde “tem de tudo”, isto é, dos mais diversos comércios, empreendimentos e serviços. Este território também pode ser definido como um encontro de pessoas que ali residem muitas vezes por escolha própria, não apenas por necessidade e em condições precárias. A seguir, a **Figura 1 – Baixa do Sapateiro (Maré nas décadas de 1950-1960)**; e, a **Figura 2 – Conjunto de Favelas da Maré (Século XXI)**.

FIGURA 1 – BAIXA DO SAPATEIRO (MARÉ NAS DÉCADAS DE 1950-1960)



Fonte: Museudamaré.org.br

FIGURA 2 – COMPLEXO DA MARÉ ATUALMENTE NO SÉCULO XXI



Fonte: Museudamaré.org.br

A história da Maré começa nos anos 1940, no final dessa década, já havia palafitas (barracos de madeira sobre a lama e a água), tendo surgido as comunidades da Baixa do Sapateiro, Parque Maré e Morro do Timbau (este em terra firme).

No início dos anos 1980, quando marca da Maré ainda eram as palafitas, caracterizadas pelo símbolo da miséria nacional se dá a primeira grande intervenção do governo federal, o Projeto Rio, que pretendia realizar o aterramento e a transferência dos moradores das palafitas para construções em solo. Em 1988, foi criada a 30ª Região Administrativa (R.A.), abarcando a área da Maré. A primeira R.A. da cidade a se instalar numa favela marcou o seu reconhecimento como um bairro.

Composta hoje por dezesseis comunidades (**Figura 3**), a Maré é o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro. A sua história, tem grande relevância e relação com as transformações na cidade, dos meados do século XX até a contemporaneidade. Entende-se que tais informações são relevantes para a compreensão desta pesquisa, acerca do conjunto de favelas da Maré, que compõem oficialmente o bairro, bem como, confere legitimidade, enquanto espaço social.

FIGURA 3 – FAVELAS DO BAIRRO MARÉ



Fonte: Censo populacional da Maré (REDES MARÉ, 2014).

Durante a década de 1940 e início dos anos 2000, o território conhecido como Maré se consolidou por meio das organizações e iniciativas dos moradores ou por meio de programas habitacionais governamentais.

As localidades que compõem a Maré e o ano-base de constituição são, em ordem cronológica: Morro do Timbau (1940); Baixa do Sapateiro (1947); Marcílio Dias (1948); Parque Maré (1953); Parque Rubens Vaz (1954); Parque Roquete Pinto (1955); Parque União (1961); Nova Holanda (1962); Praia de Ramos (1962); Conjunto Esperança (1982); Vila do João (1982); Vila dos Pinheiros (1983); Conjunto Pinheiros (1989); Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992); Nova Maré (1996); e, Novo Pinheiros (2000), esta última conhecida como “Salsa e Merengue”. (REDES MARÉ, 2014).

O seu território está disposto sobre uma faixa praticamente contígua à margem da Avenida Brasil, que se estende ao longo de favelas que já fizeram parte dos bairros de

Manguinhos, Bonsucesso ou Ramos e que hoje constituem o bairro Maré, criado por meio da Lei Municipal no 2.119, de 19 de janeiro de 1994.

A disparidade entre as condições econômicas e sociais da Maré, também se evidencia ao considerar que em seu entorno, encontram-se importantes equipamentos sociais e econômicos, como o Aeroporto Internacional Tom Jobim, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) e outros, além da já citada Cidade Universitária (UFRJ); todos esses contribuem fortemente não só para o crescimento da cidade, mas de todo o Estado do Rio de Janeiro (REDES MARÉ, 2014).

O número de habitantes, segundo o censo da Maré que constou 135.989 moradores em 2010, o que representa mais de 9% da população residente em favelas no município do Rio de Janeiro a permitiu considerá-la como um bairro, Também sendo considerado o 9º bairro mais populoso da cidade, entretanto, os moradores da Maré experimentam há mais de três décadas, uma situação extrema de vulnerabilidade frente à violência urbana. Estes conflitos entre as facções rivais delimitou a separação de cada da Maré, de tal forma que levou à separação de amigos e famílias (REDES MARÉ, 2014).

Como é possível perceber, no caso da Maré é presente uma conformação de originalidade em seu processo de ocupação e demarcação do território, pois cada comunidade que a constitui foi construída por processos históricos distintos que definiram a sua identidade local. Mesmo tendo se tornado um bairro, do ponto de vista formal, a consolidação destas comunidades foi acompanhada de investimentos familiares para além da habitação, provocando assim uma reinvenção do trabalho e iniciativas de geração de renda, como depósitos de bebidas, salões de beleza, centros gastronômicos, entre outros (REDES MARÉ, op. cit.).

Isto porque, a Maré possui uma localização privilegiada para o desenvolvimento dos mais diversos empreendimentos econômicos. É importante destacar que o seu grande comércio é marcado pela venda de alimentos diversos, que, além dos bares, conta com inúmeros mercados, pensões e restaurantes ou, ainda, lanchonetes, docerias e padarias. Apesar da forte presença de empreendimentos no ramo alimentício, é possível considerar o Parque União como o maior centro gastronômico do Rio de Janeiro dentro de um território popular (REDES MARÉ, op. cit.).

Nesse sentido, o público-alvo são os moradores de outros territórios, os quais ainda não tiveram a oportunidade de conhecer os produtos e serviços da Maré deste ramo de empreendimento. Entende-se que a relevância do estudo também está na desconstrução de estereótipos que desqualificam todo o trabalho comunitário destes territórios.

O tema do empreendedorismo gastronômico surgiu em razão da autora ser também uma empreendedora deste ramo no referido território, bem como para conhecer e analisá-lo em comunidades da Maré, pois assim seria possível relacionar com a sua vivência, tanto como moradora da Maré, quanto como empreendedora.

O empreendedorismo pode ser definido pelo desejo motivado pelas vantagens do autoemprego, isto é, o desejo de empreender surge pela ideia de liberdade. Acredita-se que desta forma o trabalhador autônomo terá mais tempo livre e será dono de seu próprio negócio, conquistando, assim, mais liberdade (CAVALCANTI, 2020).

Não obstante, este estudo procura abordar como as diversas transformações no mundo do trabalho criaram um ambiente instável e incerto, no qual o trabalhador contemporâneo precisa ser flexível e altamente produtivo, além de ser cada vez mais incentivado a assimilar como “solução” de uma nova “cultura de emprego”, por necessidade ou de oportunidade. O trabalhador que se envolve com o empreendedorismo por visar uma oportunidade de negócio, ou aquele que empreende por não ter outra opção de trabalho, estão, portanto, inseridos no contexto de precarização do trabalho.

Com efeito, podemos firmar, formalmente, o empreendedorismo como “solução” para uma nova “cultura de emprego”, na qual o autônomo é considerado o protótipo do “novo profissional”. Mas, com o conceito informal, entende-se que há uma ação para a sobrevivência imediata daquele que trabalha no sentido de dar à família mínimas condições de vida (CAVALCANTI, 2020).

No Brasil, o termo “microempreendedorismo” muitas vezes é empregado para a classificação de iniciativas comerciais nos territórios populares. É perceptível que muitos trabalhadores que saíram do desemprego e optaram por serem designados “empresários” são microempreendedores, ou seja, trabalhadores responsáveis por seu sustento, algo que hoje é muito comum em territórios populares. Muitos empreendem, por não terem outra opção de

trabalho, fazendo com surjam inúmeros microempreendimentos que visam uma oportunidade de mudar a sua realidade socioeconômica (CAVALCANTI, 2020).

Entende-se, assim, que o “trabalho imaterial”, é resultante de uma interação com o consumo, na busca por meio de um processo comunicativo materializar não apenas as necessidades, mas também o imaginário e os gostos do consumidor por mercadorias que transformam o ambiente ideológico e cultural (CAVALCANTI, op. cit.).

Pode-se caracterizar o trabalho no século XXI como flexível, precarizado, “imaterial” e subjetivo. Isto ocorreu a partir de fatores históricos com o desenvolvimento tecnológico e organizacional. Entende-se que a contemporaneidade está interligada com “o trabalho imaterial”, visto que o modo de produção capitalista se relaciona ao processo de produção da comunicação social, e com ele surgem inúmeros conceitos, tais como: autonomia; trabalho em equipe; e, capital intelectual.

Objetivou-se de forma geral, analisar o empreendedorismo gastronômico em territórios populares, especificamente na comunidade do Parque União, localizada no Conjunto de Favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. E, mais especificamente, identificar as iniciativas de empreendedorismo gastronômico no Parque União; caracterizar as transformações no mundo do trabalho no contexto do neoliberalismo; e, analisar o surgimento de iniciativas de empreendedorismo popular como estratégias criativas de sobrevivência e geração de renda da classe trabalhadora.

A monografia consta de uma **Introdução**, na qual é apresentada e discutida brevemente a temática do estudo, um tópico dedicado à **Metodologia** que traz o seu escopo e as respectivas técnicas e métodos de pesquisa, bem como um capítulo sobre as “**Transformações no Mundo do Trabalho**”, outro acerca do “**Empreendedorismo em Dois Esterótipos: Necessidade e Oportunidade**” e, o terceiro que trata da “**Divisão Sexual do Trabalho**”. Além disso, uma análise geral é feita nas **Considerações Finais** e, por fim, as **Referências**.

Diante do exposto foi elaborada a seguinte questão norteadora: “*No contexto de desemprego estrutural e precarização do trabalho que caracterizam o mundo contemporâneo, o empreendedorismo gastronômico em territórios populares pode ser entendido como uma estratégia criativa de sobrevivência e geração de renda da classe trabalhadora?*”.

METODOLOGIA

A monografia está baseada na abordagem qualitativa e utilizou como estratégias de pesquisa, o levantamento bibliográfico, por meio da busca nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os descritores: cultura empreendedora; neoliberalismo; e, territórios populares.

Também foi abordado um estudo clássico para contribuir na discussão da Sociologia do “Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Negação e a Afirmação do Trabalho”, de Ricardo Antunes.

Quanto ao tema empreendedorismo foram utilizados o Censo de Empreendimentos da Maré (2014), elaborado pelo Observatório de Favelas, a dissertação de mestrado de Maria Inês da Rocha Cavalcanti, defendida em 2020 – “Empreendedorismo Feminino: um estudo psicossocial com mulheres da Maré” e, a reportagem de IHU On-Line, publicada também em 2020 – “Viagem ao mundo do empreendedorismo popular”.

Além disso, foi realizado um breve levantamento de informações e imagens acerca dos empreendimentos gastronômicos do Parque União, a partir da iniciativa da autora. A intenção não foi mapear todos os empreendimentos, mas selecionar aqueles que representam a diversidade de porte, oferta de pratos e/ou lanches, bem como as imitações de grandes redes do ramo gastronômico, procurando no espaço favelizado, dar a sensação de estar consumindo algo de um restaurante ou lanchonete de “grife”.

CAPÍTULO 1 – AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

As transformações no mundo do trabalho estão diretamente interligadas com as novas opções tecnológicas, a flexibilização das relações de trabalho e leis trabalhistas. Tais transformações caracterizam o surgimento do modelo flexível de produção, são modalidades do pós-fordismo, caracterizadas pela prestação de serviços, avanço tecnológico e mudanças de perspectivas de vidas.

Pode-se descrever o trabalho do século XXI como flexível, instável, imaterial e subjetivo, decorrente de fatores históricos através do desenvolvimento tecnológico e organizacional. Assim, está relacionado ao “trabalho imaterial”, pois o sistema de produção está associado ao processo de produção da interação social, e muitos conceitos surgiram, tais como, autonomia, trabalho em equipe e capital intelectual (CAVALCANTI, 2020).

Desta forma, ao mesmo tempo em que o mercado invadiu a fábrica, reivindicando flexibilidade e inovação para dar conta de demandas cada vez mais instáveis e imprevisíveis, a própria lógica da empresa abrangeu recursos para a sociedade como um todo. Então se o modo de trabalhar no século XX era essencialmente “material”, sendo o corpo o principal meio de produção do trabalhador, atualmente o trabalho pode ser considerado “imaterial” nele a personalidade e a subjetividade devem ser organizadas e controladas, visto que o sistema de produção se relaciona ao processo de produção da comunicação social.

Portanto, pode-se entender que a produção imaterial é resultado da contínua interação com o consumo, a sociedade e o mercado, assumindo o papel de ativadora e organizadora da relação produção / consumo, buscando atingir não só a demanda por meio da comunicação, mas também mercadorias que possam alargar as vendas. A transição de um modelo fordista para o modelo pós-fordista requer uma reorientação da demanda por novas técnicas de gestão, de tal forma onde o papel do indivíduo sofreu mudanças extremas (CAVALCANTI, op. cit.).

Com efeito, a precarização decorre da desregulamentação e flexibilização do processo produtivo e do aumento de novas formas de trabalho, como a terceirização; O aumento da exploração do trabalho, além do aumento do desemprego, começa a se configurar cada vez mais como uma superexploração de fato do trabalho, ampliando imensamente a informalidade, a terceirização e a flexibilidade.

Tal questão relacionada ao emprego, sendo notório o crescimento dos trabalhos temporários e terceirização. A mesma situação aparece como uma nova solução, também uma forma de organização estrutural, mas assim interferindo no desemprego estrutural, quanto maior o crescimento da terceirização, a taxa de desemprego aumenta o que prejudica o poder aquisitivo das famílias e, conseqüentemente, a economia local (CAVALCANTI, op. cit.).

Com o avanço da tecnologia da informação e comunicação (TIC), muitos acreditam que uma nova era da evolução começou: o trabalho online, digital; No entanto, no século 21, bilhões de homens e mulheres dependem mais do que nunca do trabalho para sobreviver e se encontram cada vez mais em situações precárias, de instabilidade financeira ou sofrendo diretamente com o flagelo do desemprego. Então, em vez do fim dos empregos na era digital, estamos vivenciando o crescimento exponencial do novo proletariado de serviço, uma variante global que poderia ser chamada de escravidão digital (ANTUNES, 2009).

Assim, observa-se uma profunda mudança na forma de trabalhar, que passa a exigir novos comportamentos e comprometimento do sujeito trabalhador, bem como uma nova concepção das relações de produção. Entre os temas centrais das sociedades do conhecimento, o empreendedorismo é, sem dúvida, um deles.

Na sociedade capitalista atual, a subjetividade dos trabalhadores se fragmentou. Os novos modos de produção e gestão atualmente representados pelo toyotismo e a disseminação de ideologias muitas vezes baseadas em valores sociais e econômicos capitalistas, podem proporcionar uma retenção da subjetividade do trabalhador, na qual as condições que o obrigam a enfrentar o trabalho estão cada dia mais precárias. O consumo e a produção passaram a assumir uma relação estreita e de mão dupla, um influenciando o outro.

CAPÍTULO 2 – EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS POPULARES

2.1 O QUE É O EMPREENDEDORISMO?

Podemos designar o empreendedorismo como um conjunto de iniciativas individuais, pelo desejo motivado através das vantagens do autoemprego, No qual é possível desenvolver soluções para uma nova cultura do emprego, assim se tornando geração de renda da classe trabalhadora, sendo solução para que muitas pessoas possam sair de uma situação econômica precária.

No entanto, a definição formal de empreendedorismo pressupõe colocar em prática uma ideia nova, oferecendo um novo serviço para ser o pioneiro de suas respectivas idealizações (ALEIXO, 2018).

Segundo o economista austríaco Joseph A. Schumpeter, no livro “Capitalismo, Socialismo e Democracia”, publicado originalmente em 1942, o termo empreendedor está relacionado ao desenvolvimento econômico. No qual o empreendedor, em geral, é motivado pela autorrealização e pelo desejo de assumir responsabilidades, ser independente.

Como mencionado anteriormente, as transformações realizadas no mundo do trabalho impactaram a se torná-lo um ambiente instável, no qual o trabalhador precisa ser altamente produtivo para manter seu emprego. É através desse cenário que o empreendedorismo surge como solução para uma nova cultura de emprego, caracterizado pelo desejo motivado pelas vantagens do autoemprego, isto é, o desejo de empreender surge pela ideia de liberdade.

Acredita-se que desta forma o trabalhador autônomo terá mais tempo livre e será dono de seu próprio negócio, conquistando, assim, mais liberdade em seu âmbito profissional. Porém, em nossa realidade atual, as questões relativas ao empreendedorismo podem ser definidas a partir de dois aspectos importantes: oportunidade e necessidade.

No conceito formal, podemos considerar o empreendedorismo como uma solução para uma nova cultura de emprego, e os indivíduos autônomos são considerados protótipos do “novo” profissional. Já no conceito informal, pode-se entender que é a sobrevivência direta de quem trabalha para dar condições de vida à família (CAVALCANTI, 2020).

2.2 EMPREENDEDORISMO EM DOIS ESTEREÓTIPOS: NECESSIDADE E OPORTUNIDADE

Neste aspecto, é válido dizer que existem diferentes motivos pelos quais uma pessoa decide empreender. Mas, basicamente, podemos dividir o empreendedor em dois perfis: o empreendedor por oportunidade e o empreendedor por necessidade. Empreender por oportunidade está relacionado a começar um negócio ainda que se possua outras alternativas na área profissional, não são pessoas que precisam de forma necessária de um novo rumo na carreira e, muitas vezes, contam com nível de escolaridade e especialização em determinadas áreas acima da média. Desta forma, empreender por oportunidade, significa a possibilidade de alcançar a independência no trabalho ou aumentar a renda mensal (BONA, 2009).

De outra forma, empreender por necessidade é para aquele que se propuseram a um negócio autônomo devido à falta de melhores alternativas profissionais, ele precisa de alguma fonte de renda para si mesmo ou sua família. Empreender por necessidade depende mais da atual situação econômica do país, no qual o número de empreendedores por necessidade, por exemplo, cresce ainda mais quando o desemprego aumenta. Como no Brasil, apesar de não ser de Primeiro mundo, apresenta em sua maioria, empreendedores por oportunidade, porém o número de empreendedores por necessidade tem crescido, devido à crise econômica e à alta do desemprego.

Como visto anteriormente, as diversas transformações associadas ao mundo do trabalho criaram um ambiente instável e incerto no qual o trabalhador precisa ser flexível e altamente produtivo. É nesse contexto que o empreendedorismo vem sendo cada vez mais impulsionado como solução de uma nova cultura de emprego, no qual é propagado um discurso que estimula um padrão de comportamento autônomo que considera o “empreendedor” o protótipo do “novo” profissional. Dessa forma, o desejo de ser empreendedor é motivado por uma concepção na qual tenta convencer sobre as vantagens do autoemprego, transformando a concepção do quem deseja atuar nesta área (CAVALCANTI, op. cit.).

2.3 EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS POPULARES

A crise econômica e, o desemprego estrutural explicam algumas das razões para o surgimento do empreendedorismo em territórios populares na cidade do Rio de Janeiro, no qual a visualização do empreendedorismo foi popularizada decorrente da crise econômica que se prolonga por anos (COSTA, 2020).

O número de empreendedores vem crescendo no Brasil, e é nas comunidades que o empreendedorismo se faz muito presente. O empreendedor, na maioria das vezes, é visto como alguém inovador, criativo e que melhora a economia do país. Mas essa nem sempre é a real motivação, já que muitos estão empreendendo por necessidade (COSTA, op. cit.).

É possível assimilar a diferença entre formal e informal em territórios populares, o mesmo existe uma linha tênue que é incapaz de abranger a complexidade dos empreendimentos analisados pela autora, pois no conceito informal, entende-se que exista uma ação para sobrevivência imediata daquele que trabalha no sentido de dar a família condições de vida (COSTA, op. cit.).

Nos últimos anos, o conceito depreciativo dos “bicos” tem se tornado positivo, de certo modo os trabalhadores sem empregos formais são considerados de baixo nível, onde esse tipo de trabalho era caracterizado de forma precária. Pode-se analisar que, a partir do momento em que o vendedor ambulante/comerciante é entendido como empresário, seu trabalho deixa de ser afetado negativamente. Pelo contrário, há cada vez mais apoio enfatizando que ele está no caminho certo, no qual pode se tornar um grande negócio (COSTA, op. cit.).

Neste contexto, o discurso do empreendedorismo acabou se tornando uma “saída de emergência”, para tentar responder a uma questão social muito mais ampla. O desemprego estrutural não consegue mais prover empregos de boa qualidade para a população brasileira, o empreendedorismo não é uma nova alternativa de emprego, ele sempre esteve presente nas comunidades, na nossa população, onde o indivíduo que faz “bicos” não tem um emprego formal, precisa “dar um jeito” e sempre está indo de um trabalho a outro, e esta realidade é decorrente das condições precárias de trabalho, ou seja, os indivíduos que já não têm mais a oportunidade de conseguir um emprego estável se valorizam como empreendedores (COSTA, op. cit.).

As perspectivas e sonhos dos moradores da favela mudaram. Hoje 26% já fez curso profissionalizante, e 38% dos jovens com idade entre 19 e 24 anos estão inseridos em alguma faculdade através de projetos existentes na comunidade, como Redes Maré, que possibilitam uma rede de estudo com acesso gratuito. Em geral esse público empreendedor é feminino, negro e jovem: 51% dessas pessoas são mulheres, 73% são negros ou pardos e 32% possuem entre 14 e 24 anos. Entre os que querem abrir seu próprio negócio, 63% querem fazê-lo dentro da própria favela. Outro dado interessante é que a maior parte das pessoas que pretende empreender deseja abrir algo relacionado ao setor de alimentação; 20% desejavam abrir lojas de roupa; 13% salão de beleza (REDES MARÉ, 2014).

O empreendedorismo aparece como uma forma de inserção no mercado de trabalho que garante grau relativo de autonomia ao empreendedor por trabalhar próximo ou na própria residência. Nos resultados do censo de projetos da Maré desenvolvido pela Redes Maré (op. cit.), as atividades comerciais representaram 66% dos projetos, enquanto os serviços o total foi de 33,3%, e a indústria, 0,7%. Os setores empresarial e de serviços acompanham o vazio econômico da cidade (falência e deslocamento) e representam alternativas de obtenção de emprego e renda, aliados à demanda, para atender às necessidades de consumo da população.

Apesar de ser uma população de baixa renda, a forte convivência comunitária e as relações sócias afetivas estabelecidas nos espaços locais proporcionam condições especiais para a realização de projetos e é em torno da sociabilidade que os projetos do Maré ganham suas características e proposições, sua própria identidade em face da construção clássica da relação oferta/demanda/consumo.

Segundo o SEBRAE (2019), o Estado do Rio de Janeiro é o segundo maior estado brasileiro em quantidade de Micro Empreendedor Individual (MEI) com 11,6%, concentrando 963.558 microempreendedores individuais. O perfil do microempreendedor individual é homem branco, entre 30 e 40 anos e com ensino médio completo. Já o microempreendedor de favela tem outro perfil, o maior número é de mulheres, negros e com uma menor escolaridade.

2.4 COMO ESTE EMPREENDEDORISMO GANHA EXPRESSÃO NA MARÉ

Localizada em um território muito próximo ao centro da cidade, junto a vias urbanas importantes, como: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela; e, com uma enorme concentração de habitantes, a Maré tem uma localização privilegiada para o desenvolvimento dos mais diversos empreendimentos econômicos. O fato de o espaço da Maré ser plano (exceto o Morro do Timbau) favorece a mobilidade de pessoas e veículos – tamanha é a circulação de pessoas que estimula o desenvolvimento de serviços. O Censo de Empreendimentos Maré (2014) mapeou o perfil dos empreendedores focando nas atividades do território desenvolvidas para fins lucrativos.

A Maré é um núcleo urbano que se tornou também um lugar de consumo, deixando de ser designada apenas como “favela”, tendo reconhecida a sua originalidade como um bairro que “tem de tudo”, dos mais diversos comércios, empreendimentos e serviços (REDES MARÉ, 2014).

O processo de ocupação e demarcação do território da Maré é singular, pois cada comunidade que constitui o seu Conjunto foi construída em períodos históricos distintos, os quais definiram a sua identidade local. Do ponto de vista formal, a consolidação destas comunidades foi acompanhada de investimentos familiares para além da habitação, gerando assim a necessidade de geração de trabalho e renda, o que vem se dando com a abertura de depósitos de bebidas, salões de beleza, centros gastronômicos, entre outros (REDES MARÉ, op. cit.).

A Maré é o espaço favelizado mais bem munido de serviços e equipamentos urbanos da cidade. É válido lembrar, que o seu grande comércio é marcado pela venda de alimentos diversos, que, além dos bares, conta com inúmeros mercados, pensões e restaurantes ou, ainda, lanchonetes, docerias e padarias. Apesar da forte presença de empreendimentos no ramo alimentício, é possível considerar o Parque União, como o maior centro gastronômico do Rio de Janeiro, dentro de um território popular (REDES MARÉ, op. cit.).

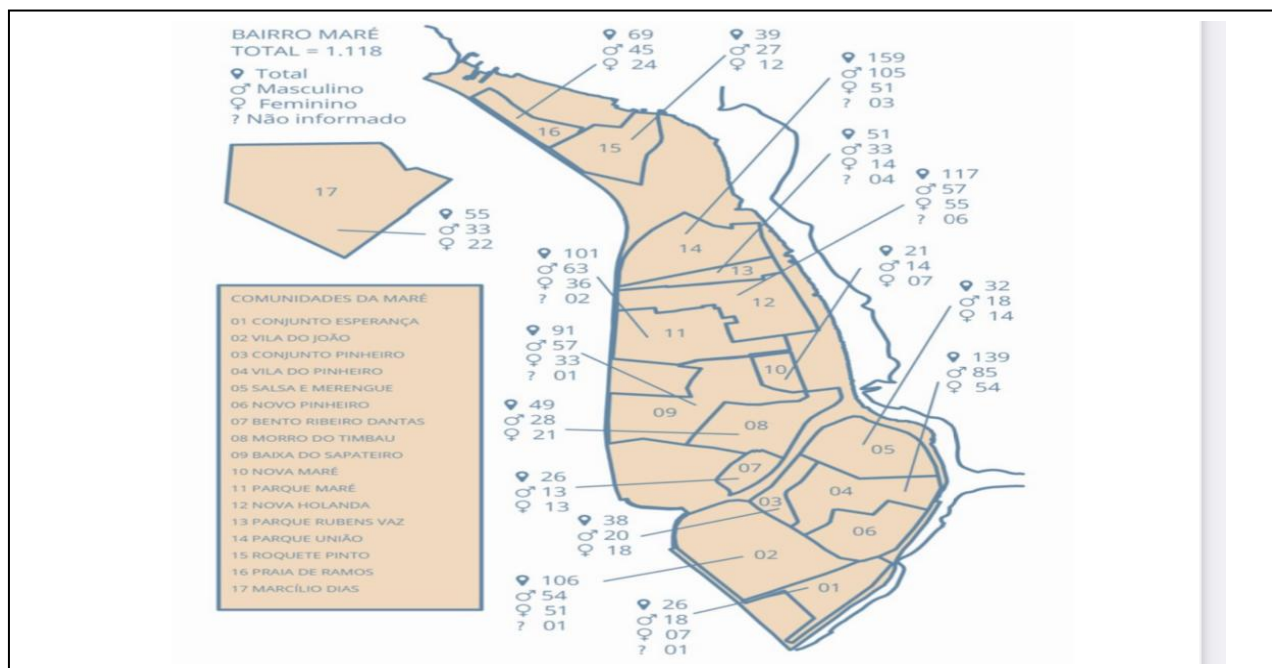
Outro aspecto que caracteriza a economia da Maré é o fato de três em cada quatro empreendedores pagarem os fornecedores à vista. Provavelmente, essa prática tem relação com o acesso cotidiano nos estabelecimentos, sendo preferível reutilizar o dinheiro de forma imediata em uma programação que organize o fluxo financeiro e sua racionalidade. Desse modo, formas de pagamento como transferência ou boletos bancários ainda são pouco utilizadas. Isso expressa

o uso predominante de formas diretas de comercialização, sem a intermediação de agentes financeiros ou bancários, marcadas por relações personificadas entre clientes. Além da economia local presente no uso de água/luz sem ter custo nenhum, gerando ainda mais fluxo de dinheiro para os comércios da região.

Importante destacar, que o recorte de gênero que se faz presente nestes empreendimentos. O número de mulheres que opta em ter o seu próprio negócio para conseguir sustentar a si e suas famílias financeiramente tem crescido, já que são elas as que mais sofrem com o desemprego e trabalho precário. Apesar de muitas vezes este tipo de empreendimento ser um legado familiar, as mulheres predominam entre as proprietárias dos salões de beleza, pensões ou lojas de roupas.

De acordo com Aleixo (2018) é possível observar que o processo de ascensão das mulheres, por conta de seus empreendimentos mostra resultados positivos, no que diz respeito às experiências de geração de trabalho e renda na Maré (ver **Figura 4 – Número de estabelecimentos por divisão de gênero na Maré**).

FIGURA 4 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS POR DIVISÃO DE GÊNERO NA MARÉ



Fonte: Mapa construído a partir dos dados do Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré (REDES MARÉ, 2014)

O Mapa em destaque totaliza o número de estabelecimentos por atividade específica referente à divisão de sexo no complexo da Maré, demonstrando que também na Maré há maior

número de empreendedores do sexo masculino atuando no setor de alimentação e bebidas, como observado na análise realizada no início do processo de avaliação dos dados GEM (2016).

Evidenciando uma maior presença masculina nos empreendimentos: 57,2%. O tipo de atividade é responsável, em grande parte, por essa composição: os bares e restaurantes contam com uma forte presença de homens, ao contrário dos estabelecimentos que oferecem serviços estéticos, dominados pelas mulheres. Nos mercados, há um maior equilíbrio nessa distribuição, embora uma maioria feminina se faça presente em determinadas funções, especialmente a de atendente de caixa, ou em cargos inferiores.

No entanto, a acelerada comparação entre a porcentagem de estabelecimentos que, exclusivamente ou não, empregam homens, 72,2%, e mulheres, 65,4%, percebe-se a prevalência de maior empregabilidade para os homens.

CAPÍTULO 3 – DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão do trabalho por gênero é uma forma de divisão social do trabalho decorrente das relações sociais. Esta forma historicamente é aplicada a todas às sociedades, sendo que as suas principais características dão conta de que aos homens é preferencialmente atribuído o campo da produção; e, às mulheres, o da reprodução. Os homens acabam ocupando funções com forte valor social agregado (participação política, cargos de comando, altas patentes militares etc.). Com efeito, as mulheres geralmente têm empregos considerados socialmente inferiores, pois hierarquicamente, aqueles que “valem mais”, são majoritariamente ocupados por homens. (QG FEMINISTA, 2018).

Estes princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação – “ideologia naturalista” – que caracteriza gênero como sexo biológico e prática social como “papéis sociais” sexuais, referindo-se ao destino natural das espécies. No sentido oposto, a sexualidade é uma construção social, sendo ela própria uma consequência das relações sociais, de acordo com as afirmações teorizadas da divisão sexual do trabalho (QG FEMINISTA, op. cit.).

Na divisão do trabalho por gênero, operada pelo capital, no âmbito do espaço fabril, o trabalho masculino geralmente realiza atividades baseadas em “capital intensivo, no caso negócios que demandam grande volume de dinheiro para a sua operação e para realizar suas vendas”. Enquanto aquelas demarcadas por menor qualificação, e diversas vezes em atividades incessantes, são destinadas a mulheres da classe trabalhadora.

No entanto, o trabalho das mulheres segue sendo pouco valorizado socialmente, mesmo quando exercido no domínio público, e isto está refletido nas estatísticas socioeconômicas, nas quais as mulheres recebem em média, salários mais baixos do que os homens.

Assim, no Brasil, as mulheres recebem quase 30% a menos do que o salário bruto dos homens. Isto acontece por dois principais motivos; o primeiro é que, mesmo as mulheres possuindo o mesmo grau de escolaridade, estão alocadas nos trabalhos mais precários, que permitem maior flexibilidade de horários, porque elas precisam atuar no “trabalho do lar”.

Além disso, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos, marido e casa. E, o segundo motivo, é o que justifica a diferença de salário, representando a opressão e a discriminação que ocorrem no mercado de trabalho (ANTUNES, 2009).

Mesmo quando elas estão em ocupações idênticas às dos homens, principalmente em cargos administrativos, as mulheres recebem menos do que eles. Percebe-se de forma clara, que as mulheres se inseriram no mercado de trabalho, mas permaneceram, em grande parte, como cuidadoras, enquanto os homens não tiveram o mesmo volume de inserção no âmbito doméstico, ou seja, no trabalho não remunerado.

Consequentemente, a expansão do trabalho feminino tem se dado sobretudo no trabalho mais precarizado, marcado por uma informalidade ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas (ANTUNES, 2009).

Dentre tantas consequências desta divisão sexual do trabalho, vale lembrar, que a classe trabalhadora feminina é composta de certo modo por microempreendedoras, ou seja, são responsáveis por seu sustento e o de suas famílias. E, por muitas vezes não conseguem inserção em áreas que seriam de sua escolha, algo que é muito comum principalmente em territórios populares, no qual, empreendem geralmente, por não terem outra opção de trabalho. Estes elementos permitem refletir acerca das interações entre classe e gênero (ANTUNES, op. cit.).

As mulheres por muito tempo ficaram fora do trabalho assalariado, mas sempre realizando o trabalho doméstico, atividade que era parte da sua “identidade feminina”. No entanto, por estarem associadas ao cuidado com as crianças e o ambiente familiar, são vistas como obrigações e, portanto, desprestigiadas pela sociedade. Isto porque, as “donas de casa” não são consideradas trabalhadoras. Não obstante, antes do advento do movimento feminista, a produção econômica e a reprodução social faziam parte de sistemas diferentes. (CAVALCANTI, 2020).

Para o pleno desenvolvimento do capitalismo foi necessário que as mulheres começassem a trabalhar fora de casa e a cuidar da casa ao mesmo tempo, o que configurou um duplo processo de exploração da força de trabalho feminina.

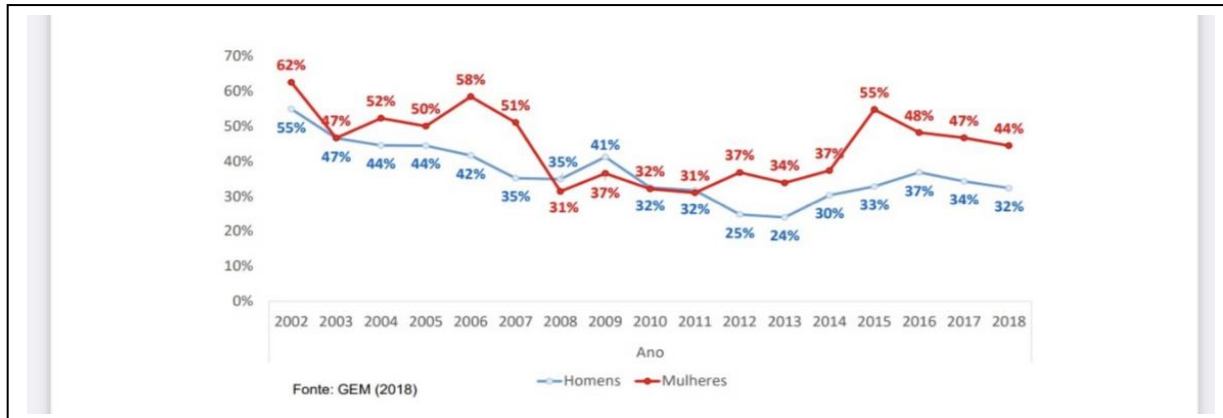
Vale ressaltar, que as mulheres, principalmente as negras, precisam resistir para sobreviver. E, muitas vêm construindo com as suas práticas sociais, processos de resistência individual e coletiva dentro de seus próprios territórios, de tal forma que é possível observar

empreendimentos femininos no cotidiano de territórios populares, emergindo a partir das vivências, experiências, histórias e trajetórias de vida (CAVALCANTI, 2020).

A seguir, será apresentado o gráfico – **“Porcentagem entre homens e mulheres empreendedores”**, pelo qual é possível concluir que, as mulheres conseguem iniciar novos empreendimentos em um ritmo muito próximo ao dos homens, o mesmo não pode ser dito sobre permanecerem a longevidade dos mesmos, fato evidenciado pelas diferenças de gênero no empreendedorismo.

Cabe destacar, que esta diferença tem sido constante ao longo dos anos, suscitando o questionamento sobre as razões que levam as mulheres a terem negócios menos longevos que os homens. (SEBRAE, 2019).

GRÁFICO - PORCENTAGEM ENTRE HOMENS E MULHERES EMPREENDEDORES



É notório que a atividade empreendedora é um recurso que as mulheres utilizam para conciliar as tarefas domésticas e o trabalho, muitas vezes em busca de complementação de renda. A desigualdade entre homens e mulheres é confirmada ao se analisar o contexto do mercado de trabalho brasileiro (ALEIXO, 2018).

Um estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mostra que as mulheres estão menos inseridas no mercado de trabalho formal e têm maior probabilidade de

estarem no trabalho informal ou desempregadas. De acordo com estes números, para cada dez homens empregados, apenas seis mulheres estão empregadas (SEBRAE, op. cit.).

TABELA – ESCOLARIDADE NA MARÉ

ESCOLARIDADE	PORCENTAGEM SIMPLES	PORCENTAGEM ACUMULADA
GRADUAÇÃO OU PÓS-GRADUAÇÃO COMPLETA	7,0%	7,0%
NÍVEL MÉDIO COMPLETO OU SUPERIOR INCOMPLETO	32,3%	39,3%
NÍVEL FUNDAMENTAL COMPLETO OU MÉDIO INCOMPLETO	53,2%	92,5%
ALFABETIZADO OU NÍVEL FUNDAMENTAL INCOMPLETO	3,1%	95,6%
NÃO ALFABETIZADO	2,2%	97,8%
NÃO INFORMADO	2,2%	-
TOTAL	100,0%	-

Fonte: Tabela construída a partir dos dados do Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré (REDES MARÉ, 2014)

Os dados indicativos na Tabela acima apresentam a porcentagem sobre a escolaridade dos empreendedores da Maré e se encaixa na dimensão nacional, sendo que em termos de escolaridade, os empreendedores concentram-se no ensino fundamental completo, médio incompleto; ensino médio completo e superior incompleto. Fato este, que evidencia a dificuldade de associar educação e trabalho para empreendedores da Maré, bem como para os demais brasileiros.

Verifica-se, assim, a alta presença de empreendedores da Maré que não possuem o Código Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), constatando grande presença de não formalizados.

Retomando o tema que está sendo tratado, ou seja, a Maré e o empreendedorismo gastronômico foi realizada uma análise acerca dos empreendimentos deste ramo, tomando o Parque União como lócus. Com efeito, é possível fazer o seguinte questionamento: ***“Como é de fato empreender na Maré?”***.

No novo cotidiano de isolamento social, durante a pandemia da COVID-19, na qual todos os estabelecimentos estavam em horário reduzido de funcionamento, em um passeio de fim de semana pelas ruas mais movimentadas da Maré foi possível perceber que a criatividade culinária não tem limites.

Além de rentável, é uma das maiores apostas para os empreendedores do território. Como mencionado anteriormente, as atividades econômicas mais frequentes incluem bares, beleza, roupas, mercados e lanches, desenvolvidos para todos os gostos e estilos.

Estes empreendimentos reconstroem suas marcas, onde as favelas que mais se consolidaram na cidade do Rio de Janeiro passaram por intenso processo de verticalização, construção de novos empreendimentos e acelerado crescimento das atividades econômicas, cujos responsáveis são os diversos empreendedores residentes da favela, apostando no que está em alta no mercado e usam toda a sua criatividade para gerar trabalho e renda nas favelas da Maré. De acordo com a pesquisa **“Economia de Favelas – Renda e Consumo nas Favelas do Brasil”**, realizada pelo Instituto Locomotiva e Data Favela, a população que vive nas favelas do Brasil movimenta 119,8 bilhões de reais por ano.

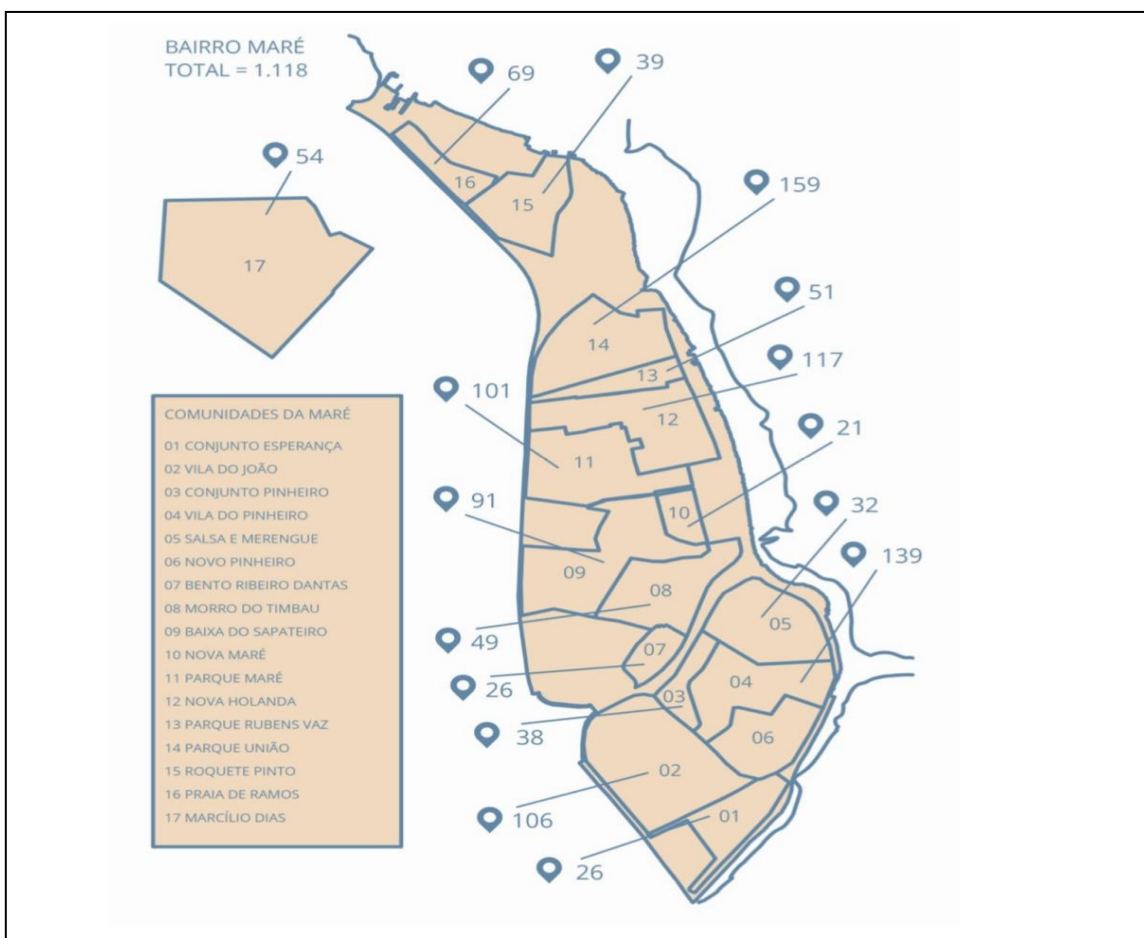
A diversidade é demonstrada através de feiras de rua, lojas permanentes e trailers. A Maré possui um total de 3.182 empreendimentos nos setores comercial, industrial e de serviços, ou seja, é como se houvesse um negócio para cada quarenta e dois habitantes. Tais atividades econômicas procuram ofertar não só com quantidade e qualidade, mas também utilizam inúmeras estratégias de comunicação e publicidade, visando divulgar produtos com baixo custo e acessíveis para todo o público, dentro e fora da comunidade.

Vale ressaltar, que foram criados diversos empreendimentos gastronômicos que possibilitam ao morador da favela sem muitas condições financeiras para sair da Maré, consumir produtos e serviços em estabelecimentos que, inclusive, chegam a funcionar 24 horas por dia. Há também, a possibilidade de consumir sem ser morador local, pois há empreendimentos que possuem serviços de *delivery* que entregam em toda a cidade do Rio de Janeiro.

A favela é um espaço singular, formada por múltiplas dimensões, seus moradores são capazes de buscar alternativas de renda, por meio das mais diversas iniciativas laborativas, entre as quais se destacam as da área da gastronomia.

Para verificar a importância do bairro Maré para o estudo sobre empreendedorismo em territórios populares, é apresentado a seguir, o **“Mapa – Número de Estabelecimentos por Atividade Específica”**, no qual é demonstrado o quantitativo de estabelecimentos identificados pelo Censo de Empreendedorismo da Maré (REDES MARÉ, 2014).

MAPA – COBERTURA DE EMPREENDEDORES ECONÔMICOS DA MARÉ



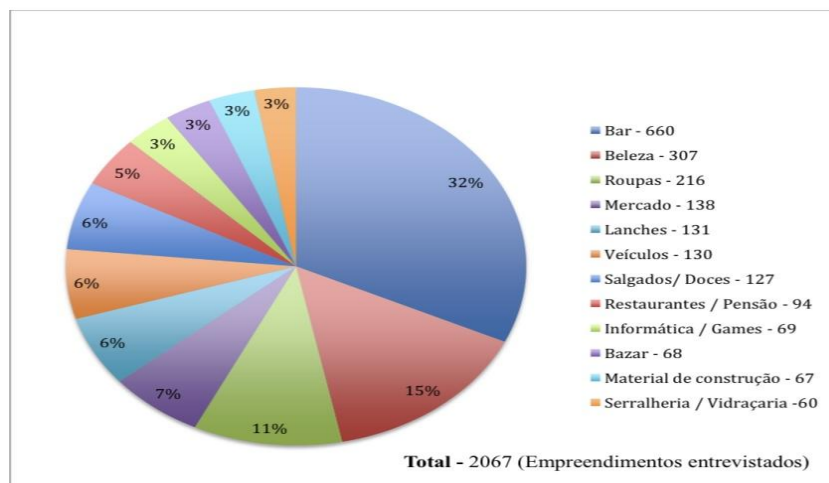
Fonte: Mapa construído, a partir dos dados do Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré (REDES MARÉ, 2014)

É em torno da sociabilidade que os projetos da Maré ganham suas configurações e proposições, sua própria identidade em face da construção clássica da relação oferta/demanda/consumo. Entre esses espaços sociais, os bares e restaurantes figuram como a principal atividade econômica da Maré (ALEIXO, 2018).

Para melhor definir o destaque da comunidade, há algumas razões que variam entre a proximidade da Avenida Brasil e o processo histórico de crescimento para além da habitação e de sua atual função. O Parque União cresceu a partir de um loteamento feito pelo advogado Margarino Torres, que demarcou a área em lotes ordenados e retilíneos, fazendo com que a mobilidade destes lotes se estabelecesse em ruas largas, o que permite a passagem de carros e

caminhões e maior acesso aos fornecedores/distribuidores de grandes empresas (REDES MARÉ, op. cit.).

GRÁFICO – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS POR ATIVIDADE ESPECÍFICA



Fonte: Gráfico construído, a partir dos dados do Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré (REDES MARÉ, 2014)

No **Gráfico – Número de estabelecimentos por atividade específica** se observam importantes dados que cruzam o setor de alimentos e bebidas por localidade e, o seu contexto de inserção. Os dados, em questão, são importantes para justificar a relevância dessa pesquisa e o motivo pelo qual se justifica vislumbrar a Maré em movimento.

É possível destacar o Conjunto de Favelas da Maré, onde há maior concentração destes empreendimentos. A comunidade que primeiro se destaca em localização, é o Parque União, que conta com cento e cinquenta e nove empreendimentos de alimentos e bebidas.

O mesmo é considerado como a comunidade, na qual os moradores possuem o maior poder aquisitivo, e que concentra, em razão de sua praça logo na entrada da comunidade, uma enorme atividade de entretenimento, como shows de diferentes estilos musicais e feiras que atraem um grande público do Rio de Janeiro, contribuindo para o crescimento dos empreendimentos da Maré (REDES MARÉ, 2014).

A seguir, um breve levantamento de informações e imagens acerca dos empreendimentos gastronômicos do Parque União.

BAR & CHOPERIA ESPERANÇA



Restaurante com atendimento 24 horas, conhecido em toda a Zona Norte, por seus pratos típicos de comida nordestina. Atende a clientela no próprio espaço ou por *delivery*, em todo o Rio de Janeiro. Proporciona comida de baixo custo e em grande quantidade. Sua mão de obra é composta por moradores das redondezas, gerando empregos, inclusive, para jovens enquanto entregadores. É tido como um ponto de entretenimento para quem vem conhecê-lo.

SULA LANCHES E VALÉRIA LANCHES



Com certeza, estas duas lanchonetes dividem o público nas opiniões de quem é o melhor lanche da favela. Valéria, famosa pelo seu cachorro quente, e a Sula com seus sanduíches.

Há vinte e quatro anos, Sula, moradora do Parque União juntou todos seus recursos para montar uma humilde lojinha de bairro de vídeo game na região.

Com trabalho árduo, a loja se expandiu e ganhou destaque pelos lanches de ótima qualidade e com valor acessível, foi então que surgiu a **Sula Lanches**.

Uma das mais famosas lanchonetes na Maré e *point* certo de encontro dos moradores da comunidade. Após seu falecimento, Valéria, que era responsável pela produção do cachorro-quente em sua lanchonete, se mudou e abriu o seu próprio espaço, o qual além do grande espaço físico ficou conhecido pelo famoso “cachorro-quente da Valéria”.

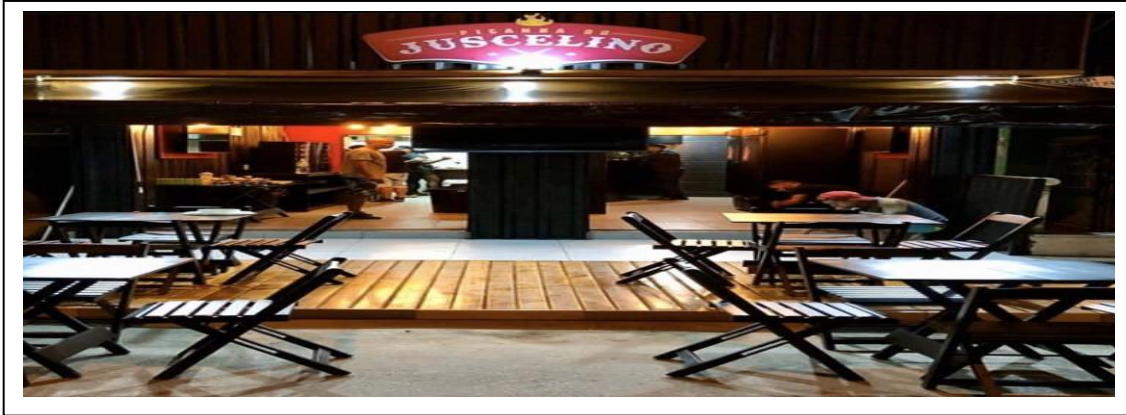
Desta forma, as duas se tornaram responsáveis por grandes empreendimentos na comunidade, gerando trabalho e renda para entregadores, bem como produzindo lanches de qualidade para todo tipo de público, desde os que vêm de fora para consumir localmente, ou até mesmo quem está procurando algo para comer com baixo custo.

CHURRASCARIA GALETO DOURADO



A Churrascaria Galeto Dourado divide com o Bar e Choperia Esperança, o título de local mais frequentado do Parque União, o qual durante o período de isolamento social da pandemia da COVID-19, era um dos poucos lugares abertos no Rio de Janeiro, fazendo expandir ainda mais o seu reconhecimento. Além do bar que fica lotado nos finais de semana, o restaurante funciona todos os dias, sendo *self service* pela manhã e *delivery* durante todo o dia. O seu cardápio tem uma grande variedade de refeições com valor acessível e qualidade de restaurantes de fora.

PICANHA DO JUSCELINO



Esta famosa franquia de churrascaria já é reconhecida pela qualidade do seu cardápio. Possui um ambiente agradável, sendo um ótimo para quem gosta de comer carne nobre.

FIT GOURMET



O Fit Gourmet é muito parecido com o Subway, sendo que o seu cardápio cuja é composto apenas de “alimentos saudáveis”. Entende-se que seria um “genérico” da Subway na favela, com aparência e organização idênticas, além do açaí que é bem parecido com o servido pelas lanchonetes da rede Mega Mate.

MUVUCA MASSAS



O Muvuca Massas é uma espécie de Spolleteo, sendo um ótimo lugar para quem curte uma grande diversidade de massas, possuindo o mesmo programa de escolhas dos ingredientes e tipo de massa à preferência da clientela na montagem dos pratos.

LIZA DOCES



Para finalizar, é destacado o empreendimento da autora. A Liza Doce Confeitaria foi criada pelo desejo de inovar na área em que reside e para transformar a sua realidade, construindo um futuro que está sendo planejado.

O empreendimento conta com ponto de *delivery* e, também está presente na plataforma do iFood, contando com duas funcionárias aos finais de semana e um entregador fixo. São oferecidos produtos de qualidade, com preço justo e acessível aos moradores da comunidade. Aqueles que realizam pedidos e são de áreas mais distantes serão atendidos brevemente, já que há intenção de expandir o negócio para diversas outras áreas, preferencialmente, em favelas no Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este estudo pela vontade de falar sobre o Conjunto de Favelas da Maré, e desta forma foram portas abertas para desvendar o mundo do empreendedorismo em territórios populares. Foram tantas questões que atravessaram meu percurso, que podemos concluir como cheguei ao final com maestria.

Para realizar o trabalho que me foi entregue, foi fundamental o GEM (2016), que traçou o perfil do empreendedorismo no Brasil e principalmente o Censo de empreendedores Maré (2014). O cruzamento dos dados do GEM e do Censo de empreendimentos da Maré possibilitaram a construção de um conjunto de tabelas, imagens e reflexões, viabilizando a comparação entre a realidade do empreendedorismo no Brasil e as experiências na comunidade mencionada durante esse trajeto.

A conclusão dessas análises mostrou que os empreendedores da Maré não estão fora da realidade dos empreendedores brasileiros.

Dessa maneira, fez com que pudesse desdobrar a análise dos dados para afirmar que as favelas fazem parte da cidade e se constituem, no caso brasileiro, numa área de intervenção de empreendedores e mercado para a produção desse mesmo empreendedorismo.

A complexidade do contexto analisado fez com que a construção desse estudo ganhasse um alto grau de complexidade não permitindo que ele seja apresentado de forma simples. Por isso, finalizo associando as ideias que foram desenvolvidas e expressas através de tabelas e imagens, e até mesmo pela procura de uma linguagem que pudesse ser de forma clara o que estou propondo.

Assim, este trabalho foi uma forma de contribuir não somente para minha realização pessoal e como estudante, mas também com a realização das mulheres e dos empreendedores da Maré, pois é um centro de empreendimentos que ainda não tem seu reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Negação e a Afirmação do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009, 2 ed.

ALEIXO, M. de O. *Empreendedorismo em favela carioca: gastronomia e negócio na Maré*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Instituto Alberto Luiz de Coimbra de Pós-Graduação em Pesquisa de Engenharia, COPPE-UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018, 228 p.

CAVALCANTI, M. I. da R. *Empreendedorismo Feminino: um estudo psicossocial com mulheres da Maré*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, 128 p.

COSTA, H. *Viagem ao mundo do empreendedorismo popular*. Publicado em: 09 nov. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/viagem-ao-mundo-empreendedorismo-popular/>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

REDES MARÉ. *Censo de Empreendimentos da Maré*. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

SCHUMPETER, J. A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

BONA, A. *Empreender por necessidade ou por oportunidade?* Publicação em: 01 jun. 2009. Disponível em: <<https://andrebona.com.br/empreender-por-oportunidade-ou-necessidade/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

QG FEMINISTA. *O que é divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo?* Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/divisao-sexual-do-trabalho-e-relacoes-sociais-de-sexo-5a9b1eb0d696>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LINDÔSO, R. O. *Divisão Sexual do Trabalho, Empreendedorismo e Trabalho Autônomo*. 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13º Congresso Mundos de Mulheres (30/07 a 04/08/2017). Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499452814_ARQUIVO_Artigo Completo-RaquellLindoso.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SEBRAE. *Empreendedorismo Feminino no Brasil (Relatório Especial)*. Brasília: SEBRAE, 2019.